

Vivian Lemes Moreira
viviannlk@gmail.com

Gustavo Grandini Bastos
gugrandini@uol.com.br

Lucília Maria Sousa Romão
luciliamsr@ffclrp.usp.br

Discurso homofóbico em *blogs*: tessituras da violência e(m) rede

Homophobic discourse in blogs: Weaving of violence and network

RESUMO - O presente artigo tem por objetivo analisar os efeitos de sentidos instalados no espaço discursivo de um *blog*, especialmente uma formulação de caráter discriminatório, postada em novembro de 2011, que obteve grande discussão em outros espaços discursivos da rede. Buscamos, por meio da Análise do Discurso de linha francesa, rastrear as redes de memória e os efeitos ideológicos que estão em jogo no discurso sobre os homossexuais postado pelos sujeitos-navegadores, e de como ele atualiza o já-lá para instalar efeitos de preconceito e ódio. Nosso interesse é flagrar também os sentidos de violência inscritos na rede eletrônica, e analisar o funcionamento da língua em movimento nesse espaço bordado pelo imaginário de que nele é possível tudo dizer. Assim, por meio das análises realizadas ao longo dessa pesquisa, observamos esses efeitos de liberdade plena do sujeito ao se inscrever na rede eletrônica, sem receio de punição de qualquer ordem. Os discursos de intolerância e ódio colocados no *blog* pelo sujeito fazem falar um confronto discursivo observado pelas marcas de concordância ou indignação, sustentados pela memória discursiva. Observamos, dessa forma, a quebra de regularidades que rompem com uma pretensa linearidade no discurso, colocando em movimento a contradição e o caráter heterogêneo dos dizeres em rede.

Palavras-chave: sujeito, *blog*, homofobia.

ABSTRACT – This article aims at analyzing the effects of meaning installed in the discursive space of a *blog*, especially a formulation of discriminatory nature which was posted in November, 2011 and considerably discussed in other discursive spaces on the Internet. By means of French Discourse Analysis, we sought to track the memory networks and the ideological effects that are at play in the discourse on homosexuals posted by browsers-subjects and how they update the meanings already there in order to install effects of prejudice and hatred. Our interest is also to catch the meanings of violence inscribed in the electronic network and analyze the functioning of the language in motion in this space bordered by the imaginary in which it is possible to say anything. Hence, by means of the analyses performed in this study, we observed these effects of the subject's full freedom when he/she subscribes to the electronic network without fear of any punishment of any order. The discourses of intolerance and hatred posted on the *blog* by the subject give voice to a discursive confrontation observed by marks of agreement or indignation, supported by the discursive memory. Thus, we observed the interruption of regularities that break up with a supposed linearity in the discourse, putting the contradiction and the heterogeneous nature of the sayings on the net in motion.

Key words: subject, *blog*, homophobia.

Introdução

A partir do referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, temos investigado e interpretado os movimentos dos sujeitos na rede eletrônica. Neste trabalho, faremos a análise do *blog* “Silvio Koerich”¹ com vistas a investigar os efeitos de sentido em relação à violência contra os homossexuais instalados nos discursos desse *blog*, levando em conta que esse espaço reúne diversos dizeres (re)mexidos, (re)produzidos e disseminado pelos sujeitos. Buscamos refletir sobre o modo como o

sujeito inscreve sentidos sobre a homossexualidade e, sobretudo, como os efeitos de violência são materializados no jogo de dizer da escrita coletiva eletrônica. Buscamos também formular uma discussão a respeito da homofobia, como ela tem aparecido na rede, observando também, dessa forma, as regularidades, rupturas e deslocamentos de sentido sobre a questão da homossexualidade. O texto é dividido em três partes: na primeira, apresentamos reflexões sobre o ciberespaço como espaço que não cessa de crescer, sustentado nas tramas do tecnológico e pelos movimentos dos sujeitos-navegadores. Destacamos a

¹ Disponível em: <http://silviokoerich.com/>. Acesso em: 05/11/2011.

importância de espaços para compartilhamento e trocas de arquivos entre os sujeitos, especialmente no nosso objeto de análise aqui, o *blog*. No ciberespaço naturaliza-se o efeito de que é permitido inscrever quaisquer dizeres, inclusive os que são contra a lei e pregam a violência, o que engendra uma formação imaginária de permissão e autorização absolutas como se a teia digital tudo pudesse aceitar. Na segunda parte do texto, discutimos a teoria da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, referencial que embasa nosso percurso, especialmente interessado em abordar conceitos como formação discursiva (FD), ideologia, memória discursiva e sujeito, para trabalhar com o *corpus* selecionado. Na última parte, procedemos a análises do *corpus* da pesquisa, em que foi possível observar a naturalização de sentidos de ódio frente aos *gays*, sustentados por uma memória discursiva que faz falar o homossexual como doente, impuro, sujo, digno de morte, discursos esses sustentados em outros discursos já-ditos em outros lugares. As marcas inscritas pelo sujeito-blogeiro sobre o homossexual filiam-se a essas redes de memória, o que evoca sentidos de intolerância e violência, e os seus dizeres encontram eco nos dizeres de outros sujeitos-leitores que inscrevem dizeres de concordância ao que é colocado por esse sujeito no *blog*. Observa-se, assim, que os discursos colocados em movimento no *blog* filiam-se à mesma formação discursiva, porém foi possível analisar também que outros sujeitos-leitores rompem com essa repetição, e inauguram outros espaços de dizer ancorados em outra FD, rompendo com o que ali é posto em jogo.

O tecer da rede eletrônica: sujeitos e sentidos em (dis)curso

A explosão da Internet, ocorrida no século XXI, consolidou-a como uma das maiores e mais poderosas ferramentas de produção e disseminação da informação na sociedade. Com a sua remodelação no início dos anos 2000, por conta da crise *dot.com* que atingiu o mercado financeiro, exigindo uma nova forma de se conceber a internet, surge a Web 2.0, que traz consigo maior autonomia ao sujeito-navegador. Ele passou a ser inserido tanto no processo de construção, como no de disseminação das informações por meio de diversas ferramentas da *web*; e esse processo criou as bases para novos sistemas de fácil acesso, criação e manuseio proporcionados por esse ambiente. Nesse contexto, temos a inscrição do sujeito que, afetado pelas condições de produção do digital, posiciona-se discursivamente no entremeio dos movimentos de sua navegação e dos passos deixados por outros sujeitos-navegadores; ou seja, a cada clique no *mouse*, a cada letra digitada no teclado, uma nova rota pode ser tomada e diversos outros sentidos podem ser inscritos no intervalo entre palavras já ditas e em curso. São esses movimentos que sustentam a malha digital e permitem que os sujeitos-

navegadores continuem a perpetuar seus dizeres como um eco inesgotável que permite contínuas filiações, como observado nos dizeres dos *blogs*, nosso objeto de análise.

Inferimos que, a partir desses novos processos e ferramentas ao alcance do sujeito, a *web* passou a ser caracterizada pela sua ilusão do todo, com a crença de que tudo pode ser achado ou localizado ali, onde os fluxos informacionais e de comunicação seguem além das fronteiras. Instala-se também o efeito de anulação do tempo e do espaço, por uma realidade virtual, ocasionada pela interatividade que conecta todos numa grande rede, construindo o universo do ciberespaço. Pode-se afirmar, então, que a Internet é simultaneamente o movimento de atualização do virtual, que passa a modificar a própria noção das coordenadas espaço-temporais com as quais estamos habituados; isto é, o espaço e o tempo passam a ser re-configurados a partir das interações do sujeito no ambiente da rede, no qual ele começa a vivenciar uma construção social partilhada, tendo em vista o caráter heterogêneo, difuso e labiríntico da rede. Segundo Santaella (2007, p. 237),

a conexão constante, que inclui tanto interações sociais quanto conexões com a internet, enquanto as pessoas se movem, muitas vezes no burburinho fervilhante da cidade, insere contextos remotos dentro de contextos presentes. Essa dobra de contextos não é uma dobra simples, pois implica o movimento através do espaço, no momento mesmo em que se interage com os outros, tanto com os que estão distantes quanto com os que ocupam o espaço contíguo.

A rede eletrônica mostra-se, então, como inscrição discursiva datada pela voz de sujeitos em interação, ou seja, pelos nós constituintes da própria rede, o que nos remete a considerar que os assuntos das ruas encontram eco imediato nas páginas digitais. A rede funciona nestes termos como um tambor que tanto concentra desdobramentos do que ocorre fora dela, quanto produz efeitos de circulação pelo que nela está posto. Isso tem relação com o nosso objeto de estudo, pois muitos casos de agressão a *gays*, de violência de grupos homofóbicos e de preconceito são divulgados e ganham circulação na rede logo após terem acontecido. E o *blog* nos parece um espaço bastante propício para tal circulação.

Os *blogs* caracterizam-se como ferramentas que permitem a publicação de pequenos blocos de texto, apresentados e organizados, geralmente, em arquivos cronológicos, sendo de fácil utilização para buscas, leitura e postagens. A utilização de um *blog* exige poucos conhecimentos técnicos de informática, o que aumenta o interesse por esses espaços (Ferrarezi, *et al.*, 2011). Existem diferentes tipos de *blog*, e, nesta pesquisa, vamos trabalhar com os do tipo diário. As facilidades de postagem permitem que qualquer pessoa que tenha acesso à rede possa inserir conteúdos sobre temas diversos, configura-se como um exemplo

potencial de disseminação de conteúdos de ódio, como apresentamos no *corpus* de análise desse trabalho. A palavra *blog* advém de *weblog*, junção das palavras *web* (página da Internet) e *log* (diário de bordo) (Souza, 2009). Tal termo foi usado pela primeira vez em 1997 pelo estadunidense Jorn Barger, na época o termo era usado para pensar sites que realizassem a reunião de links que remetessem a espaços que o autor do *blog* acreditava ser interessantes, mas sem a possibilidade de uma fecunda interatividade, como observado atualmente (Malini, 2008). O *blog* passou por profundas alterações em sua estrutura e aspectos teóricos, porém ele ainda continua sendo um espaço de inscrição do sujeito na rede.

O *blog*, como uma ferramenta poderosa na produção e disseminação dos dizeres na *web*, tem crescido cada vez mais. De acordo com estudos realizados pelas empresas norte-americanas Nielsen/McKinsey², ao final do ano de 2011, havia cerca de 181 milhões de *blogs* ao redor do mundo, e esse número cresce a cada dia. Isso só vem marcar que o *blog*, como um espaço heterogêneo de dizeres (Moreira e Romão, 2008), merece ser investigado, analisado, para que se possam assim flagrar os movimentos dos sujeitos, dos sentidos, da sociedade em rede.

Análise do Discurso: a língua em movimento

A teoria da Análise do Discurso de matriz francesa (doravante AD) é mobilizada neste trabalho para investigar os movimentos do sujeito e dos sentidos a respeito dos dizeres sobre a homossexualidade e a violência na rede eletrônica, mais especificamente em *blogs*. Enfatizamos que a AD tem como cerne observar os processos históricos de atribuição de sentidos, destacando o sujeito como um pilar importante para a compreensão do funcionamento da linguagem em movimento na sociedade. A língua aqui é tida como uma estrutura simbólica, que está aberta ao equívoco, ao furo e à falha, assim como o sujeito.

A constituição do sujeito ocorre pela linguagem, ele não é dono de suas palavras, elas não são controláveis. Sempre temos a falta e a repetição quando buscamos falar do sujeito (Ferreira, 2007). A repetição é constitutiva da natureza do discurso, ela estrutura-se por meio da multiplicidade de dizeres outros, seu exterior e interior não apresentam uma fronteira definida, integram sua composição (Mittmann, 2010). O sujeito, pelo olhar de Michel Pêcheux, não é universal (Zandwais, 2010). Orlandi (2007) compreende que existe uma ilusão, na qual parece evidente que o sujeito já se encontra constituído em sujeito, de forma automática, mas as coisas não são tão simples, pois o sujeito emerge sempre que interpelado

pela ideologia, ou seja, quando capturado por um efeito de evidência, inscreve-se em uma posição no discurso (Orlandi, 2007).

A ideologia mereceu longo investimento de Michel Pêcheux e é entendida como um mecanismo que torna os sentidos naturais e transparentes para o sujeito em uma dada posição discursiva, ou seja, o que garante que seja óbvio dizer de um modo e não de outro. Dessa forma, a ideologia provoca a naturalização de um conjunto de representações, saberes e dizeres possíveis para o sujeito em certo momento, fazendo parecer óbvio que se diga de um modo e não de outro, que se utilize uma palavra ao invés de tantas outras.

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (Pêcheux e Fuchs, 1990, p. 166).

É na palavra que o sentido transborda, mesmo que o sujeito creia que ocorra exatamente o oposto. A sensação de que a palavra pode colocar ordem a um universo (naturalmente) de/em caos, fragmentado, disperso, heterogêneo é ilusória. A unificação pretendida é uma ambição aspirada, ignorando-se as diferenças que constituem nossa sociedade (Ernst-Pereira, 2005) e as posições discursivas que cabe ao sujeito ocupar no discurso.

A memória tem sido objeto de discussão de diferentes áreas de pesquisa na Academia, inclusive dentro da Análise do Discurso de filiação francesa (AD), teoria que embasa nossa pesquisa. A memória é um conceito chave para a AD, entendida como fundamental para permitir novas formas de pensar, inclusive permitindo (re)pensar outros conceitos, como o de arquivo (Pacífico e Romão, 2006). Na AD, a memória é entendida como discursiva. Orlandi (2010) compreende que a memória discursiva é constituída no/pelo esquecimento, sendo que o já-dito é retomado permanentemente no dizer. Não é possível pensar a memória, nessa concepção, como sinônimo de espaços físicos, como museus e arquivos. Nesse sentido, ela é “entendida como um saber sobre, como uma superfície de sentidos já dados anteriormente e como condição para que a língua funcione e faça sentido” (Pacífico e Romão, 2006, p. 77).

A AD rechaça uma concepção de língua como estrutura perfeita e ausente de lacunas, sendo desafiador pensar a linguagem de tal forma (Dias, 2005), e complexo entender (e aceitar) que a língua é da ordem do

² Disponível em: <http://www.clickz.com/clickz/news/2158745/nielsen-report-blogs-rise>. Acesso em: 13/03/2012.

imprevisível (Galli, 2012). A palavra não se encontra trancada, não é possível encalacrá-la, já que o histórico e o político afetam a constituição dos sentidos. O sujeito, em uma tentativa desesperada de controle, acredita que as palavras encontram-se coladas aos sentidos (Lagazzi-Rodrigues e Brito, 2001). As palavras possuem um já-lá, o que afeta o dizer, são carregadas de sentidos em sua constituição; com isso, sustentamos que todo dizer inscreve-se em regiões da memória, pois, para que as palavras façam sentido, é necessário que elas já tenham sido ditas anteriormente e tenham corpo em trajetórias sócio-históricas de dizer (Pêcheux, 1999). Justamente por isso, o sentido não é observado como transparente, nem a AD se interessa pela extração de um sentido do texto ou por questões de conteúdo (Orlandi, 2008). Os sentidos são determinados historicamente, “nem fixados *ad eternum*, nem desligados como se pudessem ser quaisquer um. É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém” (Orlandi, 1999, p. 19). O sentido não é claro e nem dado, pois a língua não é uma estrutura clara, ela é movente, escorregadia, entorpece e fascina exatamente por escapar do domínio do sujeito. O sentido se produz em determinadas condições sócio-históricas, por isso, a impossibilidade de enquadrá-lo em uma delimitação única, já que, por conta do contexto, o sentido pode (sempre) ser outro.

Como vimos, a ideologia é responsável pela produção de evidências que colocam o sujeito em relação imaginária com as suas próprias condições históricas de existência, fazendo parecer que não existem outros modos de dizer algo. O sujeito interpelado pela ideologia e pelo inconsciente não é o senhor de seu dizer, posto que ele não possui a capacidade de controlar totalmente os sentidos produzidos; assim, não há garantias de que os dizeres do sujeito cheguem carregados do mesmo sentido. O funcionamento da ideologia, ligado à reprodução das relações de produção, incide no que se denominou por interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico; dessa forma, o sujeito é conduzido, sem perceber, e tem a ilusão de estar “exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (Pêcheux e Fuchs, 1990, p. 166). Assim, o sujeito, ao enunciar, atribui uma determinada posição ao seu interlocutor, que está condicionado a uma formação social, ideológica e discursiva.

A produção de evidências determina o que ‘pode’ e ‘deve’ ser dito, a partir de uma posição em uma dada conjuntura (Pêcheux, 1997), e isso ocorre a partir de uma formação discursiva (FD). Uma FD é enfeixada por fragmentos discursivos diversos, que vão se (re)montando, “na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar” (Pêcheux, 1997, p. 314). Denomina-se formação discursiva (FD) a projeção na linguagem, nas formações ideológicas (FI):

[...] desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente as posições das classes em conflito umas com as outras (Pêcheux e Fuchs, 1990, p. 166).

É ela, a FD, que determina o que pode ser dito em direção aos efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento, sempre atravessada por diferentes ideologias (a jurídica, religiosa, etc.). Esse conceito estabelece uma relação muito próxima entre a história, concebida como relação ideológica de forças, o que marca uma instância de ‘escolha’ das palavras a serem faladas e também de controle de sentidos das informações a serem circuladas e regularizadas no interior de uma FD dominante, que determina o que pode ser colocado em circulação.

Importante destacar que, com a emergência das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), temos novas condições de produção e de inscrição dos sujeitos em jogo no discurso. No ciberespaço, temos o sujeito estabelecendo vínculos e pontos de interação o tempo todo, acessando espaços já-ditos, traçando percursos de dizer a partir de ditos já postados e encontrando outros sujeitos que também se colocam em jogo para/ de dizer. Como vimos, por meio da teoria da AD, o sujeito pode ocupar diferentes posições discursivas, e na Internet, isso não é diferente. Porém, nesse ambiente, ele tem a escolha de passar a usar outros nomes, de se apresentar de novas formas por meio dos espaços discursivos da *web*, incluindo a possibilidade de usar outros perfis fazendo uso de vários nomes, já que “não há centro nem identidades fixas nas redes de relações da Internet” (Dias, 2008, p. 37).

A Internet e outras tecnologias evidenciam “o (des)centramento das identidades e condiciona os modos de subjetivação ao proporcionar lugares para a construção de ‘si mesmo’” (Galli, 2011, p. 179). O sujeito pode escrever utilizando *fakes* ou *nicknames* em bate-papos, *blogs*, redes sociais, *e-mails* etc., a cada entrada um novo nome, uma identidade diferente pode ser apresentada de acordo com a vontade e o interesse que o internauta possui no contato com determinados outros navegadores. Com a Internet, essa noção de possibilidade parece mais palpável do que nunca, pois, com o dispositivo tecnológico, o sujeito pode instalar a possibilidade de exercer várias posições ao mesmo tempo, amparado pelos efeitos de anonimato e de liberdade que o espaço digital parece atribuir ao navegador. Destacamos, como exemplo dessa suposta isenção de responsabilidade, alguns dizeres sobre atacar, ameaçar e exteriorizar preconceitos contra determinados grupos, como homossexuais, negros, nordestinos (Moreira e Romão, 2011), entre outros. Concluímos, então, que, no ambiente da *web*, o sujeito jurídico (Orlandi, 2005), que é o sujeito de direitos e deveres a serem cumpridos perante

o Estado e aos outros indivíduos, pode fazer falhar tal estatuto por meio do anonimato, dos perfis falsos, ocupando uma outra posição que não seja aquela do sujeito jurídico no momento, para ter a sensação de não possuir mais deveres diante do Estado e de outros sujeitos.

Pensando, então, no âmbito deste trabalho, observamos que os movimentos de ódio (homofobia, xenofobia, neo-nazistas) têm vislumbrado a rede como um espaço de disseminação de suas ideias e ataques, pois nesse ambiente existe grande facilidade para a circulação de informações, incentivadas, inclusive, por essa falsa sensação de anonimato, principalmente no que diz respeito aos grupos mais organizados e mundialmente instalados na *deepweb*.

O incitamento a ódio através da Internet não é diferente do incitamento através de um jornal, de um panfleto, um livro ou mesmo dentro de uma torcida organizada. A diferença, naturalmente, está no alcance destes discursos e argumentos. A Internet fornece aos movimentos de ódio uma maneira fácil e de custo baixo de levar a – potencialmente – milhões de pessoas suas visões e pensamentos. Além disso, as próprias características interativas e a multiplicidade de linguagens que o meio suporta – áudio, vídeo, texto, fotografia, etc. – são, em si, elementos de persuasão, de conquista do usuário, e podem ser articuladas como forma de exposição e construção do discurso odioso (Steffen e Wainberg, 2008, p. 26).

O anonimato é identificado como um ponto chave na forma como se observam as relações existentes na Internet. Dessa forma, o sujeito, sustentando sua posição de sujeito jurídico, crê estar protegido de qualquer perigo, pois acredita não estar sendo reconhecido por sua identidade, “pelos elementos do mundo social (individualização pelo Estado)” (Orlandi, 2005, p. 12), por conta de estar atrás de uma tela do computador, como se esse representasse um instrumento de contenção perfeito, no qual a sua resistência na condição de anonimato garantiria dizer ‘tudo’ que se deseja, sem receio de punições ou restrições de qualquer tipo. Essa sensação que é da ordem do ilusório, visto que todos os sujeitos são passíveis de punições pelas práticas irregulares e crimes executados no ciberespaço, mesmo que as leis e instrumentos para tal feito ainda sejam incipientes. O site SaferNet³, destinado ao combate a crimes ocorridos no ambiente da *web*, disponibiliza uma ferramenta interativa que provê dados estatísticos da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. Por meio dessa página, é possível fazer uma consulta rápida ao número de denúncias recebidas pela SaferNet, podendo essa ser realizada por tipo de crime e/ou por período. Realizamos uma pesquisa rápida no

site a respeito das denúncias únicas (não de domínios de sites), realizadas pela prática da homofobia do período que compreende: 1 julho de 2011 a 1 de janeiro de 2012, e obtivemos os seguintes dados:

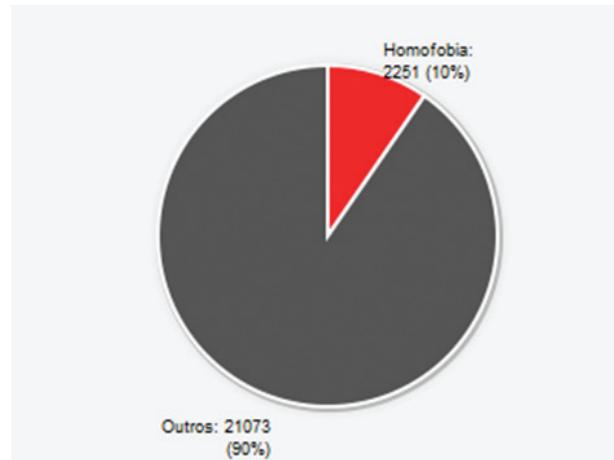


Figura 1. Indicadores de denúncias contra a homofobia.
Figure 1. Indicators of complaints against to homophobia.

Os casos de proliferação contínua de espaços destinados à reunião de sujeitos que preguem valores de intolerância, preconceito e violência para com determinados grupos, são facilmente encontrados na rede, sendo que a vinculação a esses espaços revela uma ancoragem no discurso do outro, uma filiação que produz um sentimento de pertencimento (Galli, 2009), e algo que vai se perpetuando e se misturando aos discursos do sujeito na rede.

Como pode ser observado na figura acima, 10% das denúncias ocorridas no período foram atribuídas a práticas homofóbicas em um universo de 2251 denúncias. Elas são acompanhadas pelos órgãos competentes, como o Ministério Público Federal e as Autoridades Policiais. Importante destacar que, durante a escrita deste texto, os responsáveis pela manutenção do *blog* analisado foram presos pela Polícia Federal Brasileira⁴ em uma ação realizada no dia 22 de março de 2012⁵, após uma série de denúncias em sites que monitoram a questão da intolerância na Internet, tais como o SaferNet e o site da Polícia Federal. A ação chamou a atenção dos grandes órgãos midiáticos e de espaços de discussão na Internet. De acordo com a reportagem foram mais de 70 mil denúncias contra o *blog*.

³ Disponível em: <http://www.safernet.org.br>. Acesso em: 03/02/2012.

⁴ Disponível em: <http://blogay.blogfolha.uol.com.br/2012/03/22/policia-federal-prende-os-autores-de-site-que-incitava-crimes-de-odio-e-intolerancia/>. Acesso em: 23/03/2012.

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/policia-prende-homens-que-planejavam-massacre-contr-estudantes-em-brasil/1868988/>. Acesso em: 22/03/2012.

Mesmo as leis de combate a crimes na Internet ainda sendo muito incipientes, e os recursos tanto técnico como pessoal para investigações escassos, destacamos que os esforços como os do site SaferNet são iniciativas que devem ser proliferadas para a tentativa do combate aos cibercrimes.

Sentidos de ódio: as tessituras da violência em rede

As discussões acerca da homofobia têm ocupado um espaço relevante na mídia nacional, juntamente com outras questões que discutem temáticas relacionadas aos homossexuais, tais como a conquista de direitos civis diversos. No ano de 2011, observamos uma série de manifestações homofóbicas em diferentes espaços da Internet, entre elas a do *blog* Silvio Koerich.

O termo homofobia tem sido amplamente discutido e pensado dentro dos diferentes espaços de nossa sociedade, utilizado para marcar manifestações de não aceitação e ódio frente a relações de sexualidade que são entendidas como fora do que é compreendido como dentro de uma prática sexual dominante, no caso heterossexual. Dessa forma, práticas entendidas como “não hegemônicas” (Pocahy e Nardi, 2007, p. 4) são colocadas como anti-naturais e incorretas, como a relação entre dois homens ou duas mulheres. É como se o não enquadramento no desejo de relações heterossexuais marcasse o sujeito como incorreto e impuro, o que autorizaria práticas de violência física ou verbal, já que os que são contrários a essa prática defenderiam correções que trariam a ‘normalidade’ à questão da sexualidade e à própria sociedade. Essas marcas são observadas no *blog* analisado, no qual quem não é heterossexual é tido como anormal.

A homofobia é, do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o anti-semitismo, uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como o contrário, inferior ou anormal, referindo-se a um prejulgamento e ignorância que consistem

em acreditar na supremacia da heterossexualidade (Pocahy e Nardi, 2007, p. 4-5).

Soares (2006) argumenta que se tornou comum a circulação de sentidos que nomeiam os homossexuais como “doentes, anormais, pervertidos, criminosos etc. Esses dizeres tornaram-se de tal forma familiares que não havia o que se pensar além dos sentidos cristalizados a partir deles” (Soares, 2006, p. 14). No Brasil, durante muitos anos, coube aos homossexuais o silêncio, que não apenas os relegava à margem, mas que a partir de discursos oficiais que circulavam, tais como os do espaço religioso, jurídico e médico, atribuída ao homossexual a condição de impuro, pecador, doente e sujo “e ele não fazia sentido se não fosse desse lugar já estabelecido” (Soares, 2006, p. 20).

Iniciamos a análise discursiva com a definição do *blog* que é apresentado com os seguintes objetivos: “*Blog para chutar a cara das feministas, meter a real no mangina e massacrar toda a escória esquerdista e politicamente correta. Eu sou o perdedor mais foda do mundo*”.

Algumas marcas nos chamam a atenção, marcas como ‘chutar’ e ‘massacrar’ dão um tom de ambiente violento, mas não é uma violência aleatória, ela é contra determinados grupos, como as ‘feministas’, a ‘escória politicamente correta’ e a ‘escória esquerdista’. Verificamos que os ataques não são apenas desses grupos, de acordo com as postagens analisadas, mas se referem também a ‘negros’, ‘pardos’, ‘homossexuais’, entre outros, tratando também de forma discriminatória e pregando a violência, conclamando a adesão de pessoas que os identifique como dignos de punição por não enquadrar-se em uma perspectiva considerada correta, no caso a do homem branco e heterossexual e não esquerdista e/ou politicamente correto.

Analisamos uma postagem em que o autor do *blog* coloca em jogo sentidos de homofobia, discursivizando sentidos de extermínio contra homossexuais. Destacamos que os sentidos acerca de aniquilamento são retomados constantemente nas postagens do sujeito-blogueiro. Para

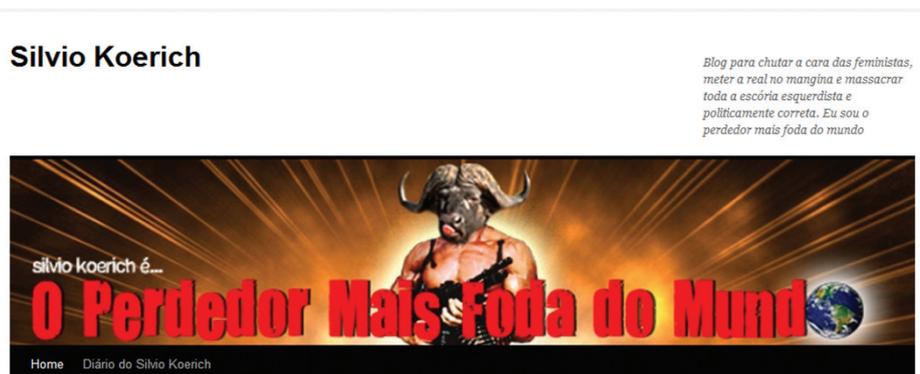


Figura 2. Página inicial do *blog*.

Figure 2. Principal page of *blog*.

nossa análise, selecionamos uma postagem do autor, intitulada “*Morte a Jean Wyllys, Destruição de gays e bombardeios a rede Globo que manipula*”⁶, separamos fragmentos dessa postagem e de um total de quarenta e seis comentários, selecionamos quatro depoimentos postados por leitores do *blog* que nos chamaram a atenção.

O blogueiro faz referência ao deputado federal Jean Wyllys, membro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), ativista dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênero (LGBTTTs) e declaradamente homossexual. Na visão do blogueiro, o deputado federal, membro de um partido de esquerda e homossexual, é digno de punição dupla, já que ele é filiado a um partido político de esquerda e é homossexual. São constantes as referências ao deputado federal nos dizeres inscritos no *blog*: sentidos de ódio que não atingem apenas o deputado, mas todos os esquerdistas e homossexuais; temos continuamente dizeres remetendo à necessidade de eliminar e punir os *gays*, como observado nas inscrições: ‘ataques em paradas gays’, ‘matar’, ‘espancá-los’, ‘torturá-los’, ‘cortar o mau pela raiz’ e ‘sangue de gays vão ser derramados’. O uso de fotos de restos humanos e corpos buscam reforçar esse sentido de necessário extermínio, de uma guerra, uma batalha travada contra o que é considerado imoral.

O blogueiro crê tudo poder dizer, principalmente quando observamos a forma como incita outros leitores a tomarem a frente a ações que visem à morte de homossexuais, entre eles um homossexual de visibilidade nacional, o deputado federal Jean Wyllys. O blogueiro retoma sentidos que enunciam o homossexual como criminoso, pecador, doente e sujo ao discursivizar que o amor entre pessoas do mesmo sexo é uma prática que merece condenação, como observado nos dizeres: “projetos de lei anti-família”, “desgraçados vagabundos”, “aidéticos” e “pedófilos”. Para o sujeito-navegador, essa cadeia de significantes evoca o imaginário do que seria imoral, o que desestabiliza a noção de uma sociedade ideal, de acordo com a sua posição de sujeito correto e idôneo que luta pelos valores e o bem da sociedade.

A naturalidade com que o blogueiro inscreve a sua palavra tem relação com o modo como é interpelado ideologicamente, o que produz um efeito de obviedade no que enuncia como práticas de violência contra sujeitos que não se enquadram nas perspectivas entendidas como “corretas” por esses sujeitos. Práticas que são anunciadas com tranquilidade, como se não fossem criminosas ou passíveis de punição. O ambiente da rede eletrônica potencializa essa ação de falar tudo para todos, promovendo uma “desinibição simbólica em função da suspensão das proibições a que estamos normalmente submetidos”

(Ernst-Pereira, 2010, p. 1). Os sujeitos-navegadores do *blog* filiados à mesma FD compartilham do preconceito e da violência, pregam nesse espaço de dizer da rede discursos carregados de sentidos de ódio que são perpetuados nos diversos comentários do *blog*. Segundo afirma Ernst-Pereira (2010, p. 1),

a socialidade que aí se instala é fluida, dispersa e sectária. Há uma compulsão à repetição, a adoção de atitudes denegatórias e a hostilização do diferente que vão caracterizar o ‘clã’ no espaço digital. O que une seus membros são símbolos comuns e, principalmente, o imaginário, esse sendo responsável por “consequências ambíguas” de afirmação ou de destruição.

Algumas marcas – como as que se referem ao deputado Jean Wyllys “*esse viado deve ser morto, levar umas porradas, ser torturado*”; a presidente “*matemos a ex-terrorista esquerdista Dilma Rouseff*”; e lésbicas no qual anuncia que elas “*devem ser estupradas e mortas*” –, além de colocar em jogo a necessidade de, no trato com os homossexuais, “espancá-los”, “torturá-los” e “matar”, carregam traços de destruição, como se o Deputado, a Presidente, as lésbicas e os homossexuais fossem alvo de uma guerra sangrenta, na qual os significantes de morte e tortura se faziam presentes de forma marcante.

Separamos quatro comentários para realizar nossas análises. Nos dois primeiros, temos dizeres que se filiam aos dizeres inscritos no *blog*.

No primeiro recorte, o que já nos chama a atenção é o nome do sujeito-navegador que faz um comentário: ele usa *Ku Klux Klan*, nomeação que remete ao grupo racista estadunidense que defendia a supremacia branca frente ao restante do mundo. Temos um já dito marcando a forma de inscrição do sujeito, e permitindo outro olhar acerca dos discursos com que ele se relaciona. O sujeito ‘quebra’ a linearidade discursiva pretendida pelo blogueiro, trazendo à baila outras questões e preconceitos contra grupos que, por diversas vezes, foram alvos de mensagens do blogueiro, como ‘negros’, ‘mestiços’ e ‘pardos’. Ao atacar esses sujeitos, ele não fala diretamente dos homossexuais, como o blogueiro aborda, porém ele se filia ao discurso de preconceito, violência e intolerância do *blog*. Assim, ele estabelece linhas de pensamento concordantes com tais abordagens, na marca em que anuncia que é necessário colocar “no seu lugar” os sujeitos que, em seus dizeres, são postos como inferiores. O sujeito-navegador coloca em discurso uma observação da supremacia do homem branco frente às demais etnias, retomando, através da memória discursiva, questões históricas da escravidão, e o retorno aos velhos hábitos, de tratar com violência as pessoas que são colocadas em discurso como inferiores. Segundo Ernst-Pereira (2010, p. 2),

⁶ Mensagem postada no dia 05/12/ 2011.

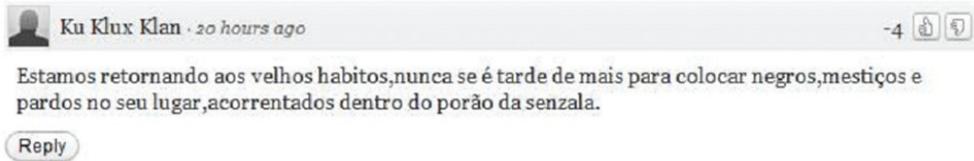


Figura 3. Comentário.
Figure 3. Comment.



Figura 4. Comentário.
Figure 4. Comment.

esse mecanismo possibilita atribuir à natureza o ônus da violência, apelando para o fato inegável de que a violência é uma faceta do processo natural, tornando-a assim, coletiva, natural e presuposta da luta pela sobrevivência e das atrocidades cometidas.

Retomando o já-lá do discurso histórico sobre a escravidão e da supremacia de uma raça superior, o sujeito inscreve que “os negros, mestiços e pardos” devem ficar “acorrentados dentro do porão da senzala” escondidos, presos, em silêncio, como animais que só têm direito de falar ou de se apresentar quando são solicitados e ou autorizados. O sujeito entende e deseja a volta de tais práticas, que são por ele tratadas como naturais, parte de um processo que fez e faz parte da história das civilizações.

O sujeito-navegador filia-se às inscrições do blogueiro, cujos sentidos de agressividade e ódio são entendidos como corretos e naturais no trato com homossexuais e negros. Ele defende a prática de agressão contra esses dois grupos. O uso da palavra ‘preto’ indica uma forma tida como pejorativa e racista de tratamento, que também se filia ao dizer do sujeito-navegado *Ku Klux Klan*, que também defendia ataques contra grupos, não somente dos homossexuais.

O autor do comentário se posiciona na linha de frente das solicitações do blogueiro, que clama pela união dos que compartilham de suas ideias no ataque a sujeitos que eles condenam por algum motivo. O sujeito parece aguardar uma total mobilização para integrar o grupo que atacará tais grupos/sujeitos. São retomados sentidos de violência, como observado na marca ‘espancar’. Nos dizeres desses sujeitos, parece legítimo atacar quem não se enquadra nos padrões observados, por esse grupo, como corretos. Clama-se por atitudes criminosas, como a prática de racismo ou agregamento para práticas como espancamento. Tais atitudes não são consideradas criminosas, já que são justificadas e entendidas como meras correções

de comportamentos inadequados de nossa sociedade ou mesmo uma necessária ‘limpeza’ social, como se negros, homossexuais e mestiços não fossem dignos de viver e não coubessem em um plano de sociedade ideal, na qual só o homem branco e heterossexual seria digno de viver.

Observamos agora os discursos que não se filiam à formação discursiva dominante do *blog*, nos quais verificamos vozes discordantes do que é posto em circulação no *post*. O sujeito rompe com as inscrições e apresenta outras movimentações discursivas, como observado na figura 5.

A autora do comentário se filia ao discurso religioso para condenar a postagem do sujeito-blogueiro, a partir das marcas Deus e inferno eterno. Observamos marcas de ameaça, porém uma ameaça que não se situa no plano físico e da violência. O discurso do blogueiro que declama o ódio, como prática de constituição de uma sociedade ideal, é condenado pela autora da postagem, para quem o castigo pelo ato será da ordem do divino, de forma permanente e contínua, de queimar no inferno eterno. A punição por meio de leis que impeçam práticas como as que são almeçadas pelo blogueiro não entram em jogo, posto que a navegadora se apoia no discurso religioso para enunciar o castigo, a punição e não o discurso jurídico.

O sujeito-navegador coloca as postagens do *blog* e alguns comentários como marcados por ‘preconceito’, enquadrando-os como dignos de pessoas ignorantes, sem algo que justifique tais afirmações; ele subverte a ideia de que o doente, o sujo, o errado são os que são as pessoas que incitam o ódio e o preconceito. Para justificar a afirmação de que o blogueiro nada sabe, que é um ignorante, o leitor aponta os constantes erros gramaticais do autor, como de alguém que não sabe fazer uso da norma correta da língua portuguesa, e não tem condições de apontar o que é certo ou errado.

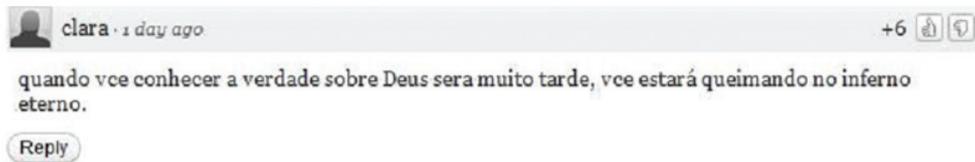


Figura 5. Comentário.

Figure 5. Comment.

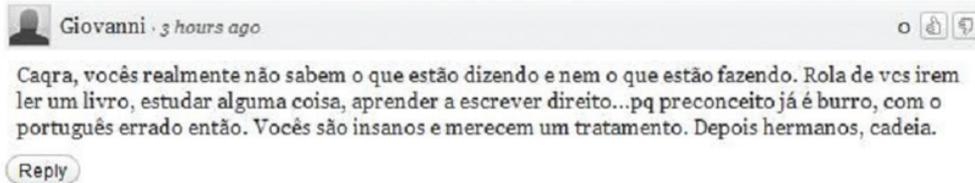


Figura 6. Comentário.

Figure 6. Comment.

Ao contrário da postagem anterior, o sujeito-navegador crê na punição por meio da estrutura jurídica das leis brasileiras, e dos direitos humanos, ao afirmar que o destino de quem faz tais afirmações é a “cadeia”. O sujeito vincula-se às possibilidades de significação sustentadas pelo espaço legislativo, e isso deriva de condições de produção historicamente ligadas a prática das relações homossexuais. As mudanças históricas e sociais afetam as leis, o que nos leva a afirmar que os sentidos estão sempre passíveis de serem outros.

Considerações finais

O espaço de inscrição do *blog* possibilita a observação de um lugar heterogêneo, estilhaçado por diversas FDs e entrecruzado por redes de memórias. A ideia de uma blindagem segura (Moreira e Romão, 2011) por trás da tela do computador, por meio de perfis falsos, inscrições anônimas e técnicas da *deepweb*, faz com que o sujeito-navegador se sinta mais à vontade para dizer de “tudo” e sobre “todos”, tentando, dessa maneira, fazer resistir sua posição de sujeito jurídico (Orlandi, 2005), na ilusão de não estar mais passível as medidas da lei.

O sujeito interpelado pela ideologia acredita que as palavras que são enunciadas por ele são claras, transparentes, como se não houvesse outra maneira de designar e descrever os homossexuais e outros grupos étnicos e políticos. Podemos dizer, então, que os dizeres filiados pela FD do *blog*, sobre o preconceito, são sustentados por uma memória que admite o sentido da violência, do ódio, da exclusão e da diferença entre os seres humanos. Na postagem de *Ku Klux Klan*, observamos em jogo a retomada e inscrição de outras condições de produção, a de que a

escravatura era defendida como condição de equilíbrio social e entendida como separação natural da sociedade, quando brancos dominavam e negros eram subjugados.

Os dizeres de violência e ódio foram inscritos pelo blogueiro como incitação para uma guerra, instalando uma cadeia de significantes de extermínio. Porém, verificamos a retomada do discurso jurídico e religioso pelos sujeitos-navegadores que não se filiaram a FD dominante do *blog*, ao instalarem dizeres recriminando a atitude preconceituosa do blogueiro, enunciando punições e castigos para tal atitude. Observar esses atos de filiação discursiva nos interessa nos estudos acerca da espiral de dizeres que é gerada na Internet, principalmente em espaços nos quais o sujeito se sente seguro e livre, em uma ilusória sensação de que “tudo” pode ser dito nas tessituras da rede.

Referências

- DIAS, C.P. 2008. Memória & escrita: o atravessamento de sentido das cartas no e-mail. *Letras: língua, sujeito & história*, 18(2):35-49.
- DIAS, L.F. 2005. Resistência e desafio: traços do pensamento de Pêcheux no Brasil. *Estudos da Língua(gem)*, 1(1):113-118.
- ERNST-PEREIRA, A. 2005. O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux. *Estudos da Língua(gem)*, 1(1):23-30.
- ERNST-PEREIRA, A. 2010. Retratos digitais: subjetivação e violência no Orkut. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 25, Belo Horizonte, 2010. *Anais...* Belo Horizonte, UFMG, p. 1-3.
- FERRAREZI, L.; BASTOS, G.G.; SANTOS, J.C.F. dos. 2011. Blogs e museus eletrônicos: um estudo discursivo. In: L.M.S. ROMÃO; F.C.S. GALLI, (org.). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos, Pedro & João, p. 61-80.
- FERREIRA, M.C.L. 2007. A trama enfática do sujeito. In: F. INDURSKY; M.C.L. FERREIRA (Org.), *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, p. 101-108.
- GALLI, F.C.S. 2009. Leitura na internet: o (entre)cruzamento de dizeres e de subjetividades. *Gragoatá*, 27:189-204.

- GALLI, F.C.S. 2011. Práticas contemporâneas: fabricação de discursos e de “novos” regimes de verdade. In: M.J. CORACINI; E.Y. UYENO; M.A.A. MASCIA (org.), *Da letra ao píxel e do píxel à letra – uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua*. Campinas, Mercado de Letras, p. 177-194.
- GALLI, F.C.S. 2012. As dobraduras do discurso. *Fragmentum*, **32**:13-17.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S.; BRITO, P.S. 2001. As ocupações dos sem-teto na discursividade da cidade. In: E.P. ORLANDI (org.), *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço*. Campinas, Pontes, p. 51-59.
- MALINI, F. 2008. Por uma genealogia da blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15, Vitória, 2010. *Anais...* Vitória, UFES, p. 1-14.
- MITTMANN, S. 2010. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Revista Desenredo*, **6**(1):85-101.
- MOREIRA, V.L.; ROMÃO, L.M.S. 2008. Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. *Linguagem*, **2**:1-15. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao02/02ai_vlmlmsr.php. Acesso em: 20/04/2009.
- MOREIRA, V.L.; ROMÃO, L.M.S. 2011. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. *RUA*, **2**(17):78-96. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=115>. Acesso em: 13/02/2012.
- ORLANDI, E.P. 1999. Do sujeito na história e no simbólico. In: E.P. ORLANDI (Org). *Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade – contextos epistemológicos da Análise de Discurso*. Campinas, LABEURB, p. 17-22.
- ORLANDI, E.P. 2005. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2, Porto Alegre, 2005. *Anais...* Porto Alegre, UFRGS, p. 1-16.
- ORLANDI, E.P. 2007. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, Pontes, 100 p.
- ORLANDI, E.P. 2008. Silêncios: presença e ausência. *Com Ciência: Revista eletrônica de jornalismo científico*. **101**:1-2. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia>. Acesso em: 12/11/2011.
- ORLANDI, E.P. 2010. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA*, **2**(16):5-17.
- PACÍFICO, S.M.R.; ROMÃO, L.M.S. 2006. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. *Em Questão*, **12**(1):73-90. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/view/371>. Acesso em: 22/02/2012.
- PÊCHEUX, M. 1997. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 313 p.
- PÊCHEUX, M. 1999. Papel da memória. In: P. ACHARD (org.), *Papel da memória*. Campinas, Pontes, p. 49-57.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. 1990. A propósito da Análise de Discurso: atualização e perspectivas. In: F. GADET; T. HAK (org.), *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 163-252.
- POCAHY, F.A.; NARDI, H.C. 2007. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e cena: vulnerabilidade social. *Estudos Feministas*, **15**(1):45-66. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000100004>
- SANTAEILLA, L. 2007. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo, Paulus, 468 p.
- SOARES, A.S.F. 2006. *A homossexualidade e a Aids no imaginário das revistas semanais*. Niterói, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 235 p.
- SOUZA, E. 2009. Blog. In: J. SPYER (org.), *Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede*. São Paulo, NãoZero, p. 31-31.
- STEFFEN, C.; WAINBERG, J.A. 2008. Ódio.org.br: rastreamento e caracterização de movimentos de ódio na Internet em português. In: MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS, 3, Porto Alegre, 2008. *Anais...* Porto Alegre, PUCRS, p. 1-47.
- ZANDWAIS, A. 2010. Concepções de texto: a heterogeneidade do objeto tomada a partir dos pressupostos da linguística à análise do discurso. *Organon*, **24**(48):71-85.

Submissão: 02/05/2012

Aceite: 02/08/2012

Vivian Lemes Moreira

Universidade de São Paulo – Unidade Ribeirão Preto
Av. Bandeirantes, 3900
14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil

Gustavo Grandini Bastos

Universidade Federal de São Carlos
Rodovia Washington Luís, km 235 – SP-310
13565-905, São Carlos, SP, Brasil

Lucília Maria Sousa Romão

Universidade de São Paulo – Unidade Ribeirão Preto
Av. Bandeirantes, 3900
14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil